

Sofia Sptzinagel
Mergulho da Morte

Vento que banha as águas,
águas que estraçalham o corpo...
Corpo que não quer perdão.
Lagoa que afoga a vida
e liberta meu coração.

Como lamento ser o casulo
ser vista como abrigo de um fruto
resultado de dor e poder
como pude ser tão tola
o “amor” é um poço sem fundo!
Bem que mamãe me disse...

Um dia... Menina!
Dois braços, duas pernas, um vestido colorido
e flores no cabelo!
Soltar notas de melodia,
dançar cirandas noite e dia!

Mas o maldito do vento
que derrama sangue pelo ventre
e me faz despir de tudo!
Dispo-me dos sapatos, das roupas, dos penteados,
dispo-me até da minha doce voz...
Me calo e me condeno
ao ciúme obscuro de um olhar, denso e profundo,
de quem me mostra o azar feminino
quando existe um homem sortudo.

Suprema onipotência,
não escutas minhas preces?
O que fiz para merecer
uma vida que me condena
a chorar e sofrer?

Chora, menina...
choro que banha as águas,
águas que estraçalham o corpo...

Basta!
Um dia de liberdade...
O antecessor de uma vida plena de alegria
e no bailar da noite meu coração bate mais forte.
Desencadeou-se liberdade...
Amanhã tudo será diferente,

se esse mesmo amanhã chegar.

Um pedaço de chumbo
lançado no meu corpo.
Quem sabe seja a hora
de me entregar à liberdade
que tanto procuro...

Um pedaço de corpo
lançado na lagoa.
Agora encontrei a bendita paz!
Bebo do sangue do meu sofrimento
que ferve nas águas dos Barros.
De tão condenada que fui
hoje condeno a todos
e minha alma está livre na prisão das águas.

Não vi as maravilhas da vida,
mas apreciei a vista da morte!
Na beira da lagoa ouço um barulho
e retribuo com um simples murmúrio
buscando alguém a me acompanhar em um mergulho.